

“FURAR O OLHO” E A “SOFRÊNCIA”: uma análise da traição como castração

Waleff Dias CARIDADE¹

Nelcicleide Viana Dias CARIDADE²

¹Bacharel em Psicologia pela Faculdade Estácio de Macapá. waleffdias@gmail.com

²Professora de Língua Portuguesa e respectivas literaturas, formada pela Faculdade de Macapá - FAMA. Especialista em metodologia do Ensino da Língua Portuguesa e Literatura e Docência do Ensino Superior pela Uninter e Facinter. Atua como Professora na faculdade Atual no curso de licenciatura em pedagogia com a disciplina Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Educação Especial e Inclusiva e na Pós-graduação de Educação Especial Inclusiva. Atualmente professora de Língua Portuguesa no Centro de Atendimento ao Surdo - CAS Amapá no Governo do Estado do Amapá e Educação Especial na EMEF. Raimunda Virgolino pela Prefeitura Municipal de Macapá, AP. nelcicleidevdc@gmail.com

RESUMO:

Esse trabalho tem como proposta realizar uma análise de duas letras de músicas do gênero musical sertanejo brasileiro, que contêm características de sofrência. Além disso, visa estudar e compreender a expressão popular “furaram meu olho”, a partir de um viés psicanalítico. A escolha do parceiro para iniciar um relacionamento dá-se em consequência de um modelo instaurado pela função simbólica que estruturará o sujeito, chamada por Freud de complexo de Édipo. Os olhos furados de Édipo o coloca no lugar de uma realização de uma relação incestuosa e o furar os olhos nas músicas, por se caracterizar na relação amorosa, já se encontra com a barra do recalque da castração simbólica. A todo o momento busca-se ludibriar a realidade e se recolocar em seu gozo. O amor é a saudade de casa, então é possível dizer que se relacionar é um ato com traço perverso, desmentir a castração, pois, foi essa que fez o sujeito buscar a esse outro externo, por isso familiar.

Palavras-chave: Sofrência. Furar o olho. Complexo de Édipo. Psicanálise. Música.

ABSTRACT:

The aim of this work is to perform an analysis of two lyrics of “sertanejobrasileiro” music genre that contains characteristics of “sofrência”. Thus, it proposes also to study and perceive the popular expression “furaram meu olho” from a psychoanalytic bias. The choice of a partner to start a relationship is a consequence of a model established by the symbolic function that will structure the subject, called by Freud as the Oedipus complex. The “olhosfurados” of Oedipus replace him in a position of an incestuous relationship and “furarosolhos” in the music, as it is characterized by the love relationship, already meets the bar of symbolic castration. At all times it seeks to deceive the reality and to return to its pleasure. Love is homesickness, so it is possible to say that to relate is an act with a perverse trait, to deny castration, because it was this that made the subject to seek this other external, therefore familiar.

Key-words: “Sofrência”. “Furar o olho”. Oedipus complex. Psychoanalysis. Music.

INTRODUÇÃO

Com o avanço da civilização, os relacionamentos amorosos sofrem transformações que passam acontecer de maneira efêmera e frívola. Bauman (2004) afere que o sentimento de insegurança é frequente nos relacionamentos, tal fato inspira desejos contraditórios e as conexões são rompidas antes que emergem situações

conflitantes para o casal. Dessa forma, não existe nenhuma certeza de permanência e atualmente o laço dos relacionamentos é atado frouxamente para que possa ser facilmente desfeito e o ciclo continue. Em contrapartida, adeptos das relações mais aceitas socialmente travam uma batalha para resistir a esse movimento, salientando acreditar que o

companheiro tornou-se sua propriedade, a este é atribuído o poder de satisfazer os desejos e prazeres daquele que o detém.

Acredita-se que um dos principais ou até mesmo o principal fator que contribua até hoje para essa percepção de monopólio nos relacionamentos é o mito da alma gêmea¹, apresentado por Platão no qual diz que os homens buscam suas outras metades, visto que lhes falta algo que foi tirado pelos deuses. Por isso vivemos em sociedade desenvolvendo o trabalho para buscar essa relação amorosa e manter a sobrevivência. Logo, quando acontece a ruptura desse laço com o ser amado, visto como outra metade é vivido como um dilaceramento da alma. Conforme Freud (1919) afere, esse sentimento irá despertar dentro de nós uma

¹ Em uma festa oferecida por Platão, os convidados, um por vez faz um elogio ao Deus Eros (Deus do amor). Aristófanes, em determinado momento, conta que no início dos tempos existiam os filhos do sol (homem-homem), filhas da terra (mulher-mulher) e filhos da lua (homem-mulher). Eram seres completos, de duas cabeças, quatro pernas, quatro braços, o que permitia a eles um movimento circular muito rápido para se deslocarem. Porém, considerando-se seres tão bem desenvolvidos, os homens resolveram subir aos céus e lutar contra os deuses, destronando-os e ocupando seus lugares. Todavia, os deuses venceram a batalha e Zeus resolveu castigar os homens por sua rebeldia. Tomou na mão uma espada e dividiu todos ao meio. Dessa forma, os homens caíram na terra novamente e, desesperados, cada um saiu à procura da sua outra metade, sem a qual não viveriam. Tendo assumido a forma que nós temos hoje, os homens procuram sua outra metade. A força que une a todos é o que nos protege, já que Zeus prometeu cortar novamente os homens, ficaríamos com uma perna e um braço só, se não cumpríssemos o que foi designado pela divindade.

estranheza, um espanto no qual a pessoa consciente não conseguirá identificar de onde surge essa inquietação, pois se percebe desorientada no seu ambiente e “o estranho seria sempre algo que não se sabe como abordar” (FREUD, 1919, p. 239).

Um mecanismo muito utilizado para ajudar na elaboração de términos e lutos são as músicas; uma maneira de refletir sobre elas é pensá-las na forma de sessões de musicoterapia, um jeito de transformar comportamentos em diversos contextos (AL-ASSAL, 2008). Quando cantarolamos uma música, somos arrebatados, levados a vivenciar situações que nos atravessam, dando assim possibilidade de compreensão e por meio da catarse musical elaborar conflitos, visto que a música serve como veículo de comunicação. Rudd (apud AL-ASSAL, 2008, p. 18) analisa que a música pode ser compreendida como uma representação da vida emocional, pois a canção se comunica de maneira direta com a pessoa no nível emocional.

No Brasil, período de 2014, criou-se um possível novo gênero musical conhecido popularmente como sofrência² que nada mais

² Compreende-se que a palavra sofrência tem a ver com dor de amor, popularmente chamada de dor de cotovelo, ou seja, um tipo de sofrimento que é causado quando se ama alguém e essa pessoa, de alguma forma te machuca. No Brasil, a sofrência vem sendo categorizada por muitos como um subgênero musical dentro do sertanejo moderno. Porém, o estilo das músicas sofrências remete a um tipo de sertanejo que existe desde os anos 70 com representantes como Leandro e Leonardo, Zezé de Camargo e Luciano, entre

é que a junção de duas palavras: sofrimento e carência. A junção não é meramente linguística. Hoje é muito utilizado como um neologismo em músicas sertanejas. Artistas como Paula Mattos, Jorge e Mateus, Naiara Azevedo, Maiara e Maráisa, entre outros, se destacam nesse subgênero musical que com o passar do tempo adquire novos adeptos. Assim, para identificar a música como um representante de uma emoção específica, precisa-se antes de qualquer coisa, fazer uma leitura do contexto ou código cultural de quem se identifica. Desse modo, quando cantarolamos uma sofrência a alguém, quem seria esse parceiro e que papel ele representa nas relações que vivenciamos? Em que base acontece a configuração da relação amorosa? O presente trabalho tem como proposta realizar uma análise de duas letras de músicas do gênero musical sertanejo, que contém como características a sofrência, utilizando a expressão popular “furaram meu olho³”, a partir de um viés psicanalítico.

Em suas pesquisas, Freud se aproximou da literatura, e da arte de maneira geral, utilizando-a como campo de investigação. Numa carta enviada para Fliess, Freud diz que

muitos outros, mas voltou ao auge devido ao sucesso do cantor baiano Pablo com a canção “Por que homem não chora” que rompeu as fronteiras do Nordeste, espalhando por todo país e assim consolidando a sofrência como um estilo de música bastante popular novamente.

³ Quando uma pessoa comprometida de maneira matrimonial ou não, trai a outra através de relação extraconjugal. No qual, o fura olho é a terceira pessoa (extracônjuge), sendo o que teve o olho furado é a pessoa traída.

se trata de “encontrar as palavras para muita coisa que permanece muda em mim” (GAY, 1989, p. 58).

A literatura é convocada pelo sujeito para dizer aquilo que a psicanálise não alcança, na medida em que o limite da construção da teoria se instala, o discurso literário avança proporcionando uma nova elaboração teórica psicanalítica (VILLARI, 2000). Destarte, a psicanálise servirá como instrumento interpretativo, buscando desvendar o sentido outro no texto literário, porquanto, a literatura como objeto de estudo, se torna o campo que resgatará o conhecimento sobre a subjetividade.

A compreensão desse tema é de suma importância pela relevância dessa natureza, uma vez que pelas letras de músicas expressamos um sentimento de uma vivência e a partir disso compreender para quem ou que estamos direcionando essa canção, bem como utilizamos a visão de diversos autores sobre o assunto ampliando o entendimento; para embasar esta pesquisa, reportou-se as teorias de Sigmund Freud e Jacques Lacan que estudam as relações e suas repercussões.

As duas letras musicais usadas para análise foram: Como faz com ela, lançada em 2016, composta por Maiara⁴ e Paula Mattos, interpretada pela cantora Marília Mendonça que narra um desabafo de uma pessoa traída buscando respostas de um adultério contado;

⁴ Da dupla sertaneja Maiara e Maraisa.

e 50 Reais⁵ lançada também em 2016 pela cantora e compositora Naiara Azevedo com participação das cantoras gêmeas Maiara e Maraísa que relata um desabafo frente a uma situação de traição esperada e que foi confirmada.

As letras das duas músicas são em prosa histórica representando o romantismo no período pós-modernista com versos brancos e livres, linearidade, sequência lógica dos fatos e clímax; e nelas pode-se ver a liberdade de expressão da mulher na contemporaneidade no qual esta alcança o espaço expressivo de voz. A poesia musical de Naiara Azevedo apresenta-se de forma irônica frente ao ocorrido e é composta por cinco estrofes, contendo quatro com quatro versos e uma com três; já a letra representada por Marília Mendonça é composta por três estrofes, cada uma com seis versos.

A TRAIÇÃO COMO EMERGÊNCIA DO RECALCADO

No texto *O mal estar da civilização* (1930), Freud diz que os homens têm como plano de vida buscar a felicidade e assim permanecerem felizes. Em compensação, nessa busca existem dois lados: a ausência de dor e desprazer e, a vivência de fortes prazeres. Quando uma situação é desejada

⁵Naiara Azevedo declarou em entrevista que a música foi composta há cinco anos, antes de seu lançamento, e conta uma história de traição que ela viveu com o ex-namorado.

pelo princípio do prazer⁶, resulta numa vazão parcial, pois, as “nossas possibilidades de felicidade são restringidas por nossa constituição” (FREUD, 1930, p. 31).

O sofrer nos persegue por três caminhos⁷, no entanto, talvez o mais doloroso que qualquer outro, seja as relações com outros seres humanos. No que diz respeito a esse viés, Freud (1930, p. 31) salienta que tendemos considerá-lo um tanto supérfluo, todavia, diante da possibilidade de sofrer, o indivíduo modera suas pretensões à felicidade.

Freud retornou à tragédia grega de Sófocles, chamada *Édipo Rei*, para explicar a função simbólica que toda criança por volta dos quatro anos passará, chamada de complexo de Édipo no qual, o prazer e o desejo vinculados a angústia e intromissão do pai imaginário, assustam a criança tendo como uma saída, esquecer tudo, recalçando suas fantasias. Nesse instante, inserido em outra fase de desenvolvimento, que Freud

⁶ O conceito do princípio do prazer surgiu das ideias de Fechner, mas foi desenvolvido por Freud em ([1920] 1969) que consiste numa energia direcionada em um determinado objeto que tem como objetivo obter uma satisfação idealizada. Porém, a satisfação não pode ser atingida plenamente, seja por questões culturais ou pela frustração do indivíduo (LAPLANCHE E PONTALIS, 2001).

⁷ De acordo com Freud, existem três formas para experimentar a infelicidade. A primeira seria o próprio corpo que desde o nascimento é predeterminado à morte, no qual nem podemos dispensar a dor e o medo; a segunda é o mundo externo que pode nos abater com forças poderosíssimas e o terceiro que é a relação com os outros seres humanos (FREUD, 1930, p. 31).

dará o nome de Princípio de Realidade, no qual a censura instala como o limite que não deverá ser ultrapassado, assim servindo como válvula reguladora da maneira como a descarga pulsional dará vazão. De acordo com Fadiman e Frager (apud LEITE, 2015, p. 140), o ego é o responsável pelo funcionamento desse princípio, já que agora a estrutura está ligada com a realidade externa e a satisfação real para o sujeito. Porém, Freud (1920) acreditava que mesmo o princípio da realidade estabelecido no funcionamento do indivíduo, existe a subversão e assim dominação do Princípio do Prazer, por uma necessidade psíquica em manter o equilíbrio pulsional.

As escolhas são medidas por um modelo, embora tenha acontecido o recalque, a angústia se instala decorrente do recalque e a partir dessa situação irá se instaurar o processo de estruturação do sujeito, em que terá a escolha de objetos posteriores e haverá a repetição involuntária, agora com a barra do recalque da castração simbólica o complexo de Édipo que para muitos, não associará como fonte de uma sensação estranha. A angústia aparece sempre vinculada ao recalque nos primeiros textos de Freud, a um nível estrutural conforme a emergência do recalque. Pisetta (2008) assinala que angústia indica que o princípio regulador do aparelho psíquico que busca obter prazer e a esquiva do desprazer falhou em sua ação, então é o anúncio da falência do

princípio de prazer-desprazer, já que a essência é compreendida como desprazerosa.

Lacan (apud PISETTA, 2008) nos lembra de que o recalque se apresenta similar “as peneiras do reconhecimento” (p. 408). Na peça do Édipo Rei, após descobrir a confirmação da profecia do oráculo, Jocasta tirou a vida, arrancando os cabelos e depois se enforcando; já Édipo, desorientado se cega com o punhal como forma de punição por ter gozado da plena felicidade (SÓFOCLES, 2006). O autocegação de Édipo no mito é uma represália amenizada pelo crime de ter dormido com sua mãe. Na psicanálise, Freud (1919) afere que ter os olhos feridos é um dos mais terríveis temores e as fantasias e os mitos nos ensinou que a ansiedade e o medo de ficar cego é muitas vezes um substituto do receio de ser castrado.

O olhar é carregado como núcleo de diversos elementos inerentes à constituição psíquica como na construção da imagem e sua intrínseca relação com o desejo, ganhando destaque, pois é através dele que o sujeito irá se constituir. Ao longo do crescimento do sujeito, a escopofilia⁸ pode acontecer em dois caminhos: a pulsão escópica⁹ irá fazer uma substituição e deixar o narcisismo primário para trás ou então poderá ser passivo e fixar ao objeto narcisista.

⁸ Do grego "gosto por olhar" é o desejo de obter prazer a partir do olhar ou ser observado.

⁹ O conceito foi tratado por Freud, mas foi Lacan que nomeou sendo a “satisfação” pulsional inerente ao objeto, o olhar.

No campo escópico, o olhar não é uma visão atenta e dirigida, o olhar é inseparável da “falta constitutiva da angústia de castração” (LACAN, [1964]2008, p. 76). Dessa forma, o olhar vale como símbolo de falta, na medida em que ele faz falta. No seminário XI - Os quatro conceitos fundamentais da Psicanálise ([1964]2008), Lacan define o olhar fora do visível:

em nossas relações às coisas, tal como constituídas pela via da visão e ordenada nas figuras da representação, algo escorrega, passa, se transmite, de piso para piso, para se sempre nisso em certo grau elidido – é isso que se chama o olhar (p. 76).

Podemos então dizer que o olhar torna presente a parte excluída como libidinal, por ser em formato de furo, ele passa a ser condensador de gozo. É essa a divisão do olho, órgão de visão e a função do olhar, o objetoda falta da pulsão escópica.

Quando duas pessoas estão se relacionando afetivamente e uma terceira pessoa adentra esse vínculo e quebra-o, a pessoa traída usa popularmente a expressão “furaram meu olho”, como a maneira de metaforizar a retirada do objeto de desejo. O corte que invade quem foi traído é extremamente doloroso, como um tsunami que devasta uma cidade. Desta feita, Nasio (1997, p. 159) afere que sabemos quem perdemos por que o luto normal é consciente,

mas não sabemos o que foi perdido com essa pessoa amada, pois no luto patológico essa perda é plenamente inconsciente.

No momento em que se está passando por uma situação em que aconteceu a traição, por meio das letras das músicas que se identifica, busca-se manifestar as angústias. Vale destacar o grande surgimento de cantores solos e duplas sertanejas na atualidade que trazem em suas canções, letras que falam sobre o sofrimento por ter sido traído.

Frente à situação de traição, uma das maneiras de reivindicar é confrontando o porquê houve a ação. Podemos identificar esse questionamento nas letras das canções de Naiara Azevedo e Marília Mendonça:

“[...] E por acaso esse motel
É o mesmo que me trouxe na lua de mel
É o mesmo que você me prometeu o céu
E agora me tirou o chão [...]”¹⁰

“[...] É saber se você faz amor comigo como faz com
ela!
Se quando beija morde a boca dela
Fala besteira no ouvido
Como faz comigo
Tudo o que eu preciso
É saber se você faz amor comigo como faz com ela
[...]”¹¹

¹⁰Terceira estrofe da música 50 Reais. Letra retirada do site de músicas Vagalume. Ver: <https://www.vagalume.com.br/naiara-azevedo/50-reais-part-maiara-e-maraisa.html>. Acesso em 26 de outubro de 2017.

¹¹ Terceira estrofe da música Como faz com ela. Letra retirada do site de músicas Vagalume. Ver: <https://www.vagalume.com.br/marilia->

Naiara indaga se esse lugar que o companheiro está levando a amante é o mesmo que fez promessas a ela, já Marília interroga se o parceiro troca carícias com essa amante como troca com ela. Percebemos que nas duas estrofes, as cantoras frente à ação da traição buscam identificar resquícios do lugar de prazer no qual havia promessas e que indique superioridade frente a “castração” provocada pela traição. Freud (1922) afere que o Eu consciente é extremamente enraizado no inconsciente, nos primeiros impulsos da afetividade infantil, vindo do complexo de Édipo ou até mesmo do complexo de irmãos¹² do primeiro período sexual. Então, algumas pessoas experimentam a traição como ciúme numa forma bissexual¹³.

Em outro trecho da música da Naiara, salienta a necessidade de ser superior frente à traição:

“[...] Não sei se dou na cara dela ou bato em
você

mendonca/como-faz-com-ela.html. Acesso em 26 de outubro de 2017.

¹² É a rivalidade que a criança irá apresentar em relação aos irmãos, vistos como rivais de atenção, possibilidade de perda ou divisão entre si os carinhos dos pais (JÚNIOR, 2003, p. 26).

¹³ Na concepção de Freud (1922), “no homem, além da dor pela mulher amada e do ódio pelo rival, por causa do homem inconscientemente amado e ódio pela mulher como rival, num ciúme reforçado” (p. 189).

Mas eu não vim atrapalhar sua noite de prazer
E pra ajudar a pagar a cama que lhe satisfaz
Toma aqui uns 50 reais [...]”¹⁴

O fato de se colocar como superior nessa situação pode ser apontado pela fantasia para suprir o desejo inconsciente de ser o cerne do objeto amado, em virtude de que, quando se fala em desejo, é inevitável se falar da falta, tendo em vista que é ela quem funda o desejo.

CONCLUSÃO

Podemos de maneira racional negar o temor de ter os olhos furados procedente do medo da castração. Entretanto, Freud (1919) afere que o medo da castração não contém outro sentido que um receio de natureza racional e somente quando nos debruçamos, analisamos o caso que compreenderemos a minúcia do complexo de castração e a importância na vida mental do paciente.

O complexo de Édipo na psicanálise vai além de uma crise sexual e fantasia do indivíduo; será dele que o inconsciente será formado e pensado a construção do adulto que somos. Pois, igual a criança edipiana, camuflamos fantasias, compreendemos o desejo pelo outro, sentimos prazer no nosso e no corpo do outro, temos medo de ser superados por nossos impulsos e finalmente aprendemos a monitorar nossos prazeres e desejos para assim conviver em sociedade.

¹⁴ Quinta estrofe da música 50 Reais.

É existente um grande número de pessoas que colocam em prática a tentativa de assegurar a felicidade e proteger do sofrimento através de uma delirante subversão da realidade. Porém, quando nos deparamos com situações que despertam um sentimento de estranheza e ao mesmo tempo a sensação de familiaridade, percebemos que algo, numa ordem inconsciente, deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz.

Os olhos furados de Édipo o coloca no lugar de uma realização de uma relação incestuosa. Visto que o furar os olhos nas músicas, se encontra na relação amorosa já com a barra do recalque da castração simbólica. Portanto, ao cantarolar uma letra de música que fale sobre sofrência de uma traição, essa ação de furada de olho/traição/castração seria semelhante a um déjà vu no qual a pessoa que realiza a incisão de retirada do objeto amado pode ser representada pelo pai simbólico que é o elemento mediador essencial do mundo simbólico e que realiza o corte (sofrimento), em razão de “o circuito pulsional se da partir da função materna, sobretudo naquilo que concerne a origem do desejo” (FORTES, 2014, p. 13).

A todo o momento busca-se ludibriar a realidade e se recolocar em seu gozo, em seu familiar (carência). O amor é a saudade de casa. Dessa forma, numa época em que o amor se torna líquido, é possível dizer que se relacionar é um ato com traço perverso,

assim, desmentir a castração, pois, foi essa que fez o sujeito buscar a esse outro externo, por isso familiar.

REFERÊNCIAS

AL-ASSAL, C. T. **Música: Lugar de memória e morada do ser**. Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: Brasil, 2008.

AZEVEDO, N. 50 Reais. In: **Totalmente diferente** (Faixa 01, 3min., 34seg.). *MM Music: Campo Grande/MS*, 2016.

BAUMAN, Z. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. 2º ed., Rio de Janeiro: Zahar Ed, 2004.

FADIMAN, J., FRAGER, R. Teoria da personalidade. In: LEITE, R. F. Princípio do prazer versus princípio da realidade em contos infantis. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte-MG, n. 43., 2015. p. 139-144. Disponível em: <<http://www.cbp.org.br/n43a14.pdf>>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

FORTES, P. C. **Pulsão Escópica: A relação entre o olhar e a fantasia na psicanálise**. Trabalho de conclusão de graduação em Psicologia, Faculdade UNIJUÍ, Ijuí: Brasil. 2014.

FREUD, S. (1919). O Estranho. In: Um neurose infantil e outros trabalhos (1917/1918). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XVII, 1919.

_____. (1920). Além do princípio do prazer. In: Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos (1920/1922). **Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago. Vol. XVIII, 1920.

_____. (1922). Sobre alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e na homossexualidade. In: Psicologia das massas e análise do eu e outros textos (1920/1923). **Edição Companhia das Letras: Obras completas**. São Paulo: Companhia das letras. Vol. 15, 1922.

_____. (1930). O mal-estar da civilização. In: O mal-estar da civilização, novas conferências introdutórias e outros textos (1930/1936). **Edição Companhia das Letras: Obras completas**. São Paulo: Companhia das letras. Vol. 18, 1930.

GAY, P. **Freud – Uma vida para nosso tempo**. 2º ed., São Paulo: Companhia das letras, 1989.

LACAN, J. O seminário 10 – A angústia. In: PISETTA, M. A. U. de. Considerações sobre as teorias da angústia em Freud. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, v. 28, n. 2., Brasília, 2008. p. 404-417. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000200014> Acesso em 18 de outubro de 2017.

LACAN, J. ([1964]2008). O seminário 11 - **Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise**. 2º ed., Rio de Janeiro: Zahar Ed. 1964. 2008.

MENDONÇA, M. *Como faz com ela. Escrito por Maiara e Paula Mattos. In: Marília Mendonça - Ao vivo (Faixa 02, 2min., 41seg.). São Paulo: Som Livre, 2016.*

NASIO, J. D. **O livro da dor e do amor**. 2º ed., Rio de Janeiro: Zahar Ed, 1997.

PISETTA, M. A. U. de. Considerações sobre as teorias da angústia em Freud. **Revista Psicologia Ciência e Profissão**, v. 28, n. 2., Brasília, 2008. p. 404-417. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932008000200014>. Acesso em 18 de outubro de 2017.

RUDD, E. Música como um meio de comunicação. In: AL-ASSAL, C. T. **Música: Lugar de memória e morada do ser**.

Dissertação de Mestrado em Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo: Brasil, 2008.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Belo Horizonte: CEDIC Ed, 2006.

VILLARI, R. A. Relações possíveis e impossíveis entre a psicanálise e a literatura. **Psicologia, Ciência e Profissão**. n. 2, 2000. p. 2-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932000000200002>. Acesso em 19 de outubro de 2017.

Referências nas notas de rodapé

JÚNIOR, S. E. Complexo fraternal: A fonte do ciúme e da inveja. **Revista Psicologia: Teoria e Prática**. n. 2., 2003. p. 55-66. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-36872003000200006>. Acesso em 22 de outubro de 2017.

LAPLANCHE, J., PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**. 4º ed., São Paulo: Martins Fontes, 2001.